

ERRATA

Errata referente ao relatório de projecto intitulado *Eu Sou Mediterrâneo: Um espectáculo sobre a banalidade do mal*, realizado por Mónica Gomes.

Página	Linha	Onde se lê	Deve ler-se
22	20	vai de encontro aos	vai ao encontro dos
34	2	accções	acções
46	1	<i>Mademoiselle</i> <i>Zgivago</i>	<i>Mademoiselle</i> <i>Zhivago</i>
160	24	ir de encontro ao	ir ao encontro do

Nota: Não devem contar-se as linhas em branco e devem contar-se os títulos.

Ao sub-capítulo onde se lê “3.2.1) Considerações finais” deve seguir-se o capítulo “4) Conclusão”:

4) CONCLUSÃO

Este projecto nasceu de uma necessidade de expressão quanto à actual conjectura política, social, cultural e humana, marcada pela expansão do jihadismo, pela guerra civil Síria e por uma crise mundial de refugiados. Esta conjectura traz para discussão a questão da universalidade dos direitos humanos, na medida em que compreender os direitos humanos com base numa só cultura abre portas à criação de imperialismos ideológicos. Por outro lado, Huntington defende que a política mundial é multicivilizacional e é a diferença que cria automaticamente conflito. Já dizia Said em *Orientalismo* (1978) que as relações entre o Ocidente e o Oriente são relações de poder e domínio. O jihadismo global projecta-se dentro deste jogo de poder, sendo uma tentativa de revolução através da criação de um califado universal. O jihadismo assenta num vínculo ético e na ideia de um Islão enquanto religião, vida e Estado. A partir do momento em que o Islão se afasta da mera atitude religiosa e se acompanha de uma atitude política de matriz violenta, embrenhada na ideologia, a ser aplicada à escala mundial, surge o conflito religioso e político com o Ocidente. Este conflito é justificado pela hegemonia e pela presença ocidental nos países muçulmanos, pelo combate à corrupção moral e pelo regresso ao Islão, o que leva também a um conflito interno com os governos seculares. Desta forma, o Islão radical surge como defesa do território muçulmano contra os inimigos externos e internos, que limitam a soberania de Deus

sobre o Homem e como salvação dos muçulmanos oprimidos, numa titude de “Ou estás comigo ou estás contra mim.”. A violência torna-se um meio purificador e de evolução espiritual, transformando a jihad na luta revolucionária à escala global para alcançar a união da trindade islâmica – Deus, Vida e Estado. O jihadismo distingue-se não só por ter uma estrutura organizada, que é a estrutura base da Al-Qaeda, tendo uma cadeia de comando e unidades várias, mas principalmente por essa estrutura alcançar uma dimensão global, o que é uma consequência da globalização. O jihadismo apresenta-se, então, como resposta para todos os males, alimentado pelo discurso religioso, que vem “converter não só o Oriente, mas os indivíduos ocidentais”. A sublinhar tudo isto está a banalidade do mal (Arendt), que se caracteriza mais que pelo fenómeno dos actos maus, por uma superficialidade do pensamento. Assim sendo, a criação de um objecto artistico surge enquanto meio de expressão, apelando a ligações entre arte e política, no sentido de procurar interrogar, amplificar, sensibilizar e reflectir sobre a temática do jihadismo global, a crise mundial de refugiados e a banalidade do mal, com vista à mudança ou resistência.

Reflectir sobre um processo criativo acarreta consigo vários dilemas e uma tensão entre a obra e o discurso. A meu ver isto acontece por vários motivos. Em primeiro lugar, é um dilema ético, porque levanta a seguinte questão: Vou falar da minha obra. Qual o tipo de discurso? Creio que a resposta a esta questão não passa por uma tentativa de julgar o objecto artístico, mas também não deverá ser uma mera ilustração. Posto isto, procurei dar conta daquilo que foi o processo criativo de ambos os objectos, acompanhando-o de um comentário sobre as minhas dúvidas e, principalmente, dilemas e questões, sendo que é aqui que se intensifica a tensão entre a forma, no sentido do objecto artístico e do conhecimento sensível, e a palavra, o discurso sobre o objecto. Há um confronto entre as ideias e a palavra. Se falar sobre aquilo que fazemos acarreta sempre um paradoxo, tal torna-se mais difícil pela ausência de distância da recepção. Este aspecto torna-se ainda mais evidente quando, para além de se tratarem de duas criações minhas, há ainda uma participação como intérprete, o que aumenta a distância. A alimentar esta distância está o facto da obra nascer em processo e o processo de criação dos dois objectos estar em aberto, não só pelo seu carácter experimental, no sentido da procura de uma estética, de uma zona artística, mas porque se altera em função dos espaços, de questões técnicas, mas também de uma evolução artistica, em muito ligada a um constante processo de reavaliação, de reflexão, até mesmo de

reidentificação. Isto leva a uma constante reconstrução/renascimento da obra. Várias foram as questões ao longo do processo de criação do espectáculo *Eu Sou Mediterrâneo: Um espectáculo sobre a banalidade do mal* e foi esse exercício de procura de uma resposta e testá-la que me levou à criação de um segundo objecto – *Tudo Bem.*, enquanto auto-crítica e reflexão, para que não caísse no erro tanto de, não encontrando a verdade, refugiar-me num excesso de discurso, que muitas vezes caracteriza a arte contemporânea, como de não cair no sentimento de impotência. No fundo, o processo de criação segue um caminho que é aquele de uma arte centrada na obra para o de uma arte centrada na arte, na medida em que o segundo objecto é, em última instância, uma síntese do processo primeiro, aludindo às suas dúvidas e dilemas, levantando questões como: O que é uma obra de arte? Como e quem a classifica? O que é e como falar sobre um processo criativo? Quais os métodos e, em última análise, Porquê a arte como expressão?

No índice e no corpo do relatório onde se lê a seguinte numeração dos capítulos e sub-capítulos: “4)”, “4.1.)”, “4.2.)”, “4.3.)”, “5)”, “5.1.)”, “5.2.)”, “5.3.)”, “5.4.)”, “5.5.)”, “5.6.)”, “5.7.)”, “5.8.)”, “5.9.)”, “5.10)”, “5.11)”, “5.12.)” e “5.13.)”; deve ler-se “5)”, “5.1.)”, “5.2.)”, “5.3.)”, “6)”, “6.1.)”, “6.2.)”, “6.3.)”, “6.4.)”, “6.5.)”, “6.6.)”, “6.7.)”, “6.8.)”, “6.9.)”, “6.10)”, “6.11)”, “6.12.)” e “6.13.)”, repectivamente, na sequência da inserção do capítulo “4) Conclusão”, referido supra.